

**Seminário Internacional Desfazendo Gênero: Subjetividade, Cidadania e  
Transfeminismo**

**De 14 a 16 de Agosto de 2013, Natal (RN)**

Grupo de trabalho: Corpo(s), gênero(s) e multiplicidade(s): modos de  
subjetivação, processos políticos e outras/novas moralidades.

Título do trabalho: Da submissão à feminização masculina: subversões de  
gênero no BDSM

Autores: Marcelle Jacinto da Silva (UFC), Antonio Cristian Saraiva Paiva  
(UFC) e Alessandra Alves de Moura (UFC).

# DA SUBMISSÃO À FEMINIZAÇÃO MASCULINA: SUBVERSÕES DE GÊNERO NO BDSM

## SUBMISSION TO FEMINIZATION MALE: SUBVERSIONS GENDER IN BDSM

Autora: Marcelle Jacinto da Silva<sup>1</sup>

Co-autor: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva<sup>2</sup>

Co-autora: Alessandra Alves de Moura<sup>3</sup>

### Resumo

Propomos problematizar performances de gênero de sujeitos inseridos no contexto das práticas do *sadomasoquismo erótico ou* BDSM, que elaboram discursivamente suas experiências em blogs e se identificam como submissos e/ou praticantes de *feminização masculina*.

Palavras-chave: BDSM, gênero, performance, blogs.

### Abstract

We propose to discuss the subject of gender performance within the context of the practices of *erotic sadomasochism* or BDSM, that elaborate discursively

---

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade – NUSS – UFC. E-mail: marcelle.silva.cs@gmail.com.

2 Professor Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Coordenador do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade – NUSS – UFC. E-mail: cristianspaiva@gmail.com.

3 Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: alessandra5250@hotmail.com.

their experiences in blogs and identify as submissive and / or practitioners of male feminization.

Keywords: BDSM, gender studies, performance, blogs.

## **Introdução**

BDSM, a prática de feminização masculina e a escrita nos blogs aparecem aqui como elementos para pensar performances de gênero, que subvertem determinados códigos sociais, produzem moralidades e remodelam corpos e que transgridem a heteronormatividade. Aqui, apenas um fragmento do que pretendo desenvolver em minha dissertação, problematizamos uma prática exclusiva do BDSM, a *feminização masculina*, na qual o sujeito é se veste, adorna e comportar-se como outro gênero que não o seu. O *feminizado*, no referido contexto, seria um *submisso*, alguém que sente prazer na *humilhação erótica*.

Essa prática possibilita encenação e inversão de papéis, a criação de personagens na qual a identificação do sujeito como *submisso* seria uma primeira identidade; a *feminização* do *submisso* seria, então, outro tipo de performance que depende não apenas de uma encenação de papéis, mas se realiza no ato de montar-se, um homem que vislumbra seu rosto maquiado, seu corpo vestido com *lingeries* ou vestidos cheios de babados, perucas, máscaras de vinil e couro, algemas e coleiras.

O BDSM é uma sigla que se refere a um conjunto de práticas eróticas que envolvem *dominação* e *submissão*. O “B” refere-se à *bondage*, prática de amarração e/ou imobilização da pessoa com algum tipo de corda, barbante ou similares, o “D” refere-se à *dominação* erótica e disciplina; o “S” ao sadismo erótico e o “M” ao masoquismo erótico. A prática específica em questão é uma prática erótica exclusiva do contexto BDSM, que implica numa *dominação* consentida psicológica e física. A *feminização masculina* envolve *dominação*, no sentido de que há a peculiaridade de alguém *forçá-lo* e *humilhá-lo* de diversas maneiras, e *submissão* no sentido de que o *feminizado* é, antes de tudo, uma pessoa que consente e sente prazer em submeter-se. O tema BDSM vem sendo trabalhado por mim desde 2010, quando iniciei minha

pesquisa (Silva, 2012) sobre linguagens (re)produzidas em blogs de mulheres que identificam-se como praticantes de sadomasoquismo erótico<sup>4</sup>, analisando pontos para pensar convenções de gênero e sexualidade. A dissertação, por sua vez, está sendo pensada como um desdobramento do trabalho anterior e uma experiência de imersão maior nesse universo, mais focado na prática referida, aliando a escrita nos blogs como fonte sobre o tema, e relatos de experiências, coletados através de contatos *online* e *offline* com os interlocutores.

A ideia do projeto inicial, que aqui trazemos, é de pensar essa prática como uma performance de gênero, tomando o sentido performativo da categoria gênero (Butler, 2010) como sendo criada/vivenciada através de performances sociais contínuas, e nesse sentido, as noções de sexo, masculinidade e feminilidade são tidas como processuais (Butler, 2010, p. 201), seguindo as convenções das práticas BDSM.

Trazemos aqui alguns apontamentos preliminares que tenho feito em meu diário de campo e que, portanto, ainda não haviam sido desenvolvidos, são sobre três dos primeiros blogs que observei, escolhidos alheatoriamente. Até a escrita desse artigo para o Seminário Desfazendo Gênero, ensaiei algumas entradas em campo e *online* e *offline*. Algumas das anotações que citarei são do diário de campo no período de 31 de maio a 16 de junho de 2013. Os três blogs a serem apresentados<sup>5</sup> são: *Inversão de Papéis*<sup>6</sup>, *Feminização Forçada: uma experiência de vida proporcionada pela minha Dona*<sup>7</sup> e *Submisso Real*<sup>8</sup>.

### **(Re)fazendo o gênero no/do BDSM**

4 Outra nomenclatura utilizada para se referir às práticas BDSM.

5 Essa pesquisa está em andamento e é bem inicial. Ainda estou fazendo um breve levantamento de blog pelo tema da pesquisa, e não entrei em contato com os respectivos responsáveis pelos blogs. Em decorrência disso, e já que os blogs estão acessíveis na rede, apenas citarei trechos de algumas postagens e os links pela necessidade de inserir nossa discussão dentro das normas da ABNT, da necessidade de referências exatas e datadas dos dados aqui apresentados.

6 Disponível no link: <http://contosdeinversao.blogspot.com.br>. Acesso em: 31 de maio de 2013.

O BDSM é um exemplo de cultura de grupos, é “muito mais uma somatória de grupos e principalmente de pessoas que se identificam pelas preferências sexuais e atitudes perante o mundo” (Leite Jr., 2000, p. 14), e que teve maior difusão a partir da Internet<sup>9</sup>. Foi a partir da popularização da Internet que foi possível a criação de novos espaços para o debate sobre as práticas BDSM, como a criação de fóruns, sites e blogs, servindo como forma de socialização sem fronteiras das experiências, de redes de contatos e discussão sobre regras e convenções do/no sadomasoquismo erótico.

A necessidade da criação de regras de conduta no meio BDSM é muito importante, no sentido de que são acionados elementos que têm limites muito tênues, o envolvimento de jogos de poder com dor e prazer, que perpassa discursos sobre gestão do risco, de legitimação, despatologização e descriminalização.

Para citar algumas regras fundamentais na elaboração do discurso sobre o caráter erótico e consensual das práticas BDSM, na década de 1980, foi criado o lema SSC (são, seguro e consensual) para desvincular qualquer imaginário negativo relacionado ao termo “somasoquismo”, bem como para impulsionar uma conscientização coletiva de que as práticas devem ser realizadas de forma sadia, principalmente em relações individuais<sup>10</sup>. Essa questão está diretamente relacionada à patologização dos termos sadismo e masoquismo pelas ciências *psi*. Há, nesse sentido, a intenção de formação de um “campo de ética” (Leite Jr., 2000, p. 23) no meio BDSM, para propagar a

---

7 Disponível no link: <http://feminizacaonobdsm.blogspot.com.br>. Acesso em 13 de junho de 2013.

8 Disponível no link: <http://submissoreal.blogspot.com.br>. Acesso em 13 de junho de 2013.

9 Podemos constatar isso diante das centenas de páginas na Internet sobre o tema. Em contrapartida, a bibliografia sobre o tema é menor, havendo mais referências estrangeiras do que nacionais. Dois dos autores mais conhecidos que escrevem literatura erótica com temáticas somasoquistas são Glauco Mattoso e Wilma Azevedo, literatura estudada pela pesquisadora Sarah Rossetti, orientanda da Pra. Dra. Regina Facchini.

10 Disponível em: <[www.senhorverdugo.com/origem-do-ssc.html](http://www.senhorverdugo.com/origem-do-ssc.html)>. Último acesso em: 03/06/2013.

necessidade do “machucar sem maldade (ou danos)”. Há também a *safeword*, cuja criação data de meados dos anos 1980.

O lema SSC significa praticar o sadomasoquismo em plena sanidade mental, o que geralmente inclui a não ingestão de bebidas alcoólicas e qualquer outro tipo de droga, um estímulo à segurança de ambas as partes, desde que seja assegurada a *consensualidade* dos participantes, e a *safeword* ou palavra de segurança, é um dispositivo que pode ser acionado por ambos os praticantes, no momento mesmo da prática, para avisar quando esta deve ser interrompida, no momento em que um dos praticantes chega a seu limite físico ou psíquico. O principal meio de difusão dessas regras, como fora dito, tem sido a Internet.

Os blogs, apenas uma parte do material suporte online de informações sobre o tema, são palco para *subidentidades no BDSM*, personagens que se insurgem/voltam contra “a definição estritamente psiquiátrica/patológica da sua sexualidade através de uma política de afirmação identitária, expressa por um discurso de legitimação de objetivos bem definidos” (Zilli, 2009, p. 483-490). As linguagens produzidas nos discursos que aparecem em diferentes formatos (relatos, artigos de opinião, contos, imagens, vídeos), em blogs, sites, redes sociais, “encontram-se num contexto de suporte à própria ideia de grupo identitário, pois reproduzem a noção de pertencimento através da informação de técnicas, conceitos e definições” (Zilli, 2009, p. 483-484).

Importante pensar a Blogosfera e com o BDSM como dois universos (Silva, 2012, p. 52) cheios de peculiaridades. Corroborando com Becker (2010), que lança mão do conceito de mundo como sendo uma “rede de indivíduos cuja actividade cooperativa, coordenada graças a um conhecimento partilhado dos meios convencionais” (p. 22), percebemos a complexidade desses dois mundos. O que eles pressupõem?

Tento apreender um pouco desses mundos a partir do material disponível online, em sites, blogs e no Facebook, lançando olhar sobre uma das características da Internet, de ser uma ferramenta possibilitada por cooperações que produzem os conteúdos que a constituem como tal. Tomando como foco as redes sociais, o que é produzido tem o carácter de efemeridade pela dinâmica da atualização das redes “mas na maioria dos casos transformam-se em rotinas e dão origem a padrões de actividade

colectiva” (Becker, 201, p. 27). É nesse sentido que enxergo o que é produzido sobre o meu objeto de pesquisa.

Nos blogs pesquisados, as pessoas identificam-se como praticantes de BDSM, ou como praticantes de *feminização masculina*, relatam experiências vivenciadas segundo as convenções desses grupos, mas são convenções que são ressignificadas. Uma das problemáticas que surge na observação dos blogs, não apenas nessa situação, mas nas relações estabelecidas no mundo online, é estar atenta para aquilo que é inventado e o que é verdadeiro. Como identificar a veracidade de um relato? Esse é apenas um dos impasses que surgem nessa pesquisa, mas não no sentido de desqualificar os relatos ficcionais, porque estes não deixam de fazer parte do campo de produção de conhecimento.

Existe uma cadeia de cooperação (Becker, 2010, p. 46) no mundo do BDSM, apresentado-se necessária a produção de conhecimento daqueles que o detém, para que sejam discutidas e compartilhadas as experiências, seja online ou offline, portanto, para que seja possível a existência de material de pesquisa sobre o assunto, já que, para qualquer experiência, seja ela erótica ou não, as pessoas não partem do zero, sempre têm em mente alguma referência, baseando suas ações de acordo com normas e convenções que já existem e que são partilhadas (Becker, 2010, p. 49).

A noção de convenção que aparece em campo não está desvinculada das noções comuns na teoria sociológica sobre “norma, regra, representação coletiva, costume e hábito. Todas estas noções remetem para as idéias de formas de pensamento comuns que estão na base das actividades de cooperação no seio de um grupo de pessoas” (Becker, 2010, p. 50), seja esse grupo qual for, inclusive grupos de pessoas que têm em comum o gosto por relações eróticas tidas pela sociedade conservadora como não-convencionais.

As convenções, “Mesmo quando parecem fornecer indicações muito precisas, deixam lugar a uma parcela de indeterminação que será dissipada pelo recurso aos modos de interpretação habituais, ou através da negociação” (Becker, 2010, p. 51). É o que pretendemos problematizar, com os relatos ficcionais e/ou reais (re)produzimos nos blogs, sinalizando para os agenciamentos das percepções e representações dessas experiências.

## Domesticação do masculino

O primeiro blog que trago para problematizar a noção de submissão masculina, é o blog *Submisso Real*, que é muito significativo para pensar o contexto das experiências de submissão no BDSM, pois o autor do blog oferece ao leitor o relato d“as experiências e reflexões de um submisso real”<sup>11</sup>, e pensar gêneros que estão perpassando essas experiências, fortemente interligadas com noções de hierarquia, poder e (inversão de) papéis de sexo. A primeira postagem do blog tem o objetivo de situar o leitor dos assuntos que serão apresentados. Esse texto, que é um texto de apresentação, data de 28 de outubro de 2009. Embora extensa essa postagem nos parece muito significativa no sentido de introduzir prática em questão, levando em consideração que é o discurso de um sujeito específico, sobre sua experiência, e não algo que deve ser tomado como norma dentro do(s) grupo(s), embora traga elementos convencionais do BDSM:

Olá a todos, sou um submisso, acredito que nós homens, somos inferiores às mulheres e devemos nos dedicar exclusivamente à servir uma Dominadora. Tenho atração por vários fetiches, mas não penso muito no que desejo e sim no que minha Senhora quer. Desde que me iniciei no BDSM já tive a oportunidade de vivenciar algumas experiências boas e outras ruins, mas todas elas foram importantes para o meu desenvolvimento como submisso. Sempre me senti atraído por mulheres autoritárias e isso foi o que me trouxe até aqui. Atualmente deixei de lado os envolvimentos baunilhas e estou focado em me relacionar exclusivamente com uma Dominadora. Com um pouco de treinamento, disciplina e os fetiches certos, a cada dia me transformo num homem cada vez mais subserviente. Sou um entusiasta do universo Femdom e por isso afirmo que sou completamente contra a "dominação masculina". Eu respeito a posição dos Dominadores no meio BDSM, mas não consigo conceber uma mulher sendo castigada ou se curvando e servindo à um homem. Para mim os castigos físicos são usados em caráter disciplinatórios. Quando não estou servindo aproveito o tempo para conhecer pessoas, estudar sobre o BDSM e refletir sobre meu

---

11 Mensagem que consta no banner do blog.



comportamento. Com isso sempre estou encontrando ou criando algum material interessante e que postarei aqui no blog. Espero que os assuntos escolhidos por mim ajudem os homens a ocuparem seus lugares devidos e as mulheres sua posição de direito. Afinal de contas todos os homens devem se curvar ao domínio de uma mulher<sup>12</sup>.

O trecho nos apresenta algumas chaves para reflexão. Primeiro que ele se auto identifica como um submisso, um homem que acredita que os homens devem ser subservientes às mulheres, no entanto, reitera o contexto do BDSM quando se refere ao gosto por fetiches e aponta para a figura central nessa relação de dominação/submissão<sup>13</sup>: a Senhora, que é uma mulher adepta do *FemDom*, ou seja, de *Dominação Feminina*, e que portanto, ocupa o lugar hierárquico de disciplinadora, dominadora e castigadora. Essa figura pode se utilizar de diversos artifícios para submeter seu escravo(a) ou submisso(a). De acordo com a definição de Dominação Feminina, no contexto BDSM, que ele próprio enfatiza, é de que a dominadora é alguém que cuida, pacientemente dos sentimentos, do corpo, do psicológico de seu “macho submisso”, pois ele é “Sua Propriedade”. Como propriedade, o submisso deve devotar sua existência às vontades e desejos da Dominadora, os quais sempre serão superiores do que do submisso.

O submisso sente-se ligado à sua dominadora. Não tem de se descobrir sozinho, ou preocupar-se com uma boa performance, ou sentir-se competindo. A sua Dominadora está no controle da situação – tudo será como ela quiser que seja. O submisso não é responsável por nada mais além de fazer o que lhe é ordenado. É livre para se deixar levar até onde a sua Dona, a sua mente e o seu corpo os levarem. A sua moral deixa de ser um obstáculo, pois está sob a influência da moral de sua Dominadora<sup>14</sup>.

---

12 Disponível no link:

[http://submissoreal.blogspot.com.br/2009/10/apresentacao\\_28.html](http://submissoreal.blogspot.com.br/2009/10/apresentacao_28.html). Acesso em 14 de junho de 2013.

13 Ou ainda chamada de D/s, atentando para a grafia na qual a letra “D” se sobressai a letra “s”, sendo então desde a grafia observada a questão da hierarquia nas relações no contexto aqui abordado.

14 Disponível no link: [http://submissoreal.blogspot.com.br/2009/10/dominacao-feminina\\_28.html](http://submissoreal.blogspot.com.br/2009/10/dominacao-feminina_28.html). acesso em 14 de junho de 2013.

Essa submissão, que acima de tudo é uma submissão consentida e, portanto, desejada, aparece nas postagens do blog sendo imposta e mantida com a utilização de acessórios e apetrechos, como o “cinto de castidade”. A utilização de um acessório que se assemelha a um cinto de castidade é uma peça dos jogos sadomasoquistas, não apenas para homens, mas também para mulheres, importando o caráter do castigo, o de impedir a ereção no homem, como uma forma de punição erótica.

Nos dias de hoje, praticantes de BDSM utilizam-se desses objetos de privação para punir seus submissos com claros intuitos fetichistas. Mas se no passado representava um martírio sem fim a utilização desses cintos, hoje em dia funciona como um objeto de prazer para pessoas que tem fetiches dominantes e submissos. [...] Existem submissos que atingem um nível de satisfação intenso quando o pênis é colocado num desses suportes e trancafiado. Já nas submissas o tesão está no impedimento do coito já que o cinto cobre o orifício anal e o vaginal. A atração, o feitiço, daí a origem da palavra “fetiche”, funcionam como um imã ligando o praticante à sua fantasia. Assim explicam-se as velas, as camas de pau, as cangas, correntes e outros instrumentos. Enfeitiçados por cintos de castidade e loucos por práticas fetichistas Dominadores e submissos se entregam ao prazer, luxúria e equipamentos para garantir cenas que esbanjam criatividade. Assim se vive uma fantasia, um jogo entre pessoas que estejam dispostas e combinadas a participar de alguma coisa em prol de aumentar o prazer e não sucumbir à rotina do sexo sem tempero<sup>15</sup>.

A punição com o cinto de castidade, no submisso, age como uma forma de “castração”. O cinto inibe tanto a ereção, a ejaculação, como garante que a dominadora tenha controle sobre o corpo do submisso, já que geralmente, esse cinto vem com um cadeado. Ter poder sobre o corpo do outro aparece como um elemento potencializador de prazer, de tesão. Seria como uma forma de não desperdiçar o sêmen do submisso, sendo um fator de retardar o momento do gozo, e a possibilidade dessa realização aumenta o prazer, a

---

15 Disponível no link: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2009/11/cinto-de-castidade.html>. Acesso em: 14 de junho de 2013.

ponto de o submisso afirmar que “Com a abstinência a cada dia quero mais e mais transar e gozar” <sup>16</sup>.

### **Da submissão à inversão de papéis no BDSM**

O segundo blog que trago para a discussão é o *Inversão de Papéis*<sup>17</sup>, o qual, diferente do anterior, é um conjunto de contos de pessoas que enviam relatos por e-mail, reais ou fictícios, para somar o material que é disponibilizado no blog, dentre eles, vídeos, imagens e textos de outros blogs que são readaptados. Há mais ou menos 5 meses, ao digitar na ferramenta de busca do Google o termo “feminização forçada” esse foi o primeiro link da página. No momento da escrita desse artigo, não mais, o que remete ao caráter dinâmico da Internet quanto à atualização constante de dados. Outra característica que o difere do anterior, é que a autora do blog é uma dominadora, e não um submisso.

Trazemos esse blog para pontuar, em algumas postagens/contos, e para pensar que a performance de gênero que o submisso aciona na prática de feminização é perpassada por vários elementos que são pontuais no sentido de ser algo que constrói e particulariza essas experiências. Alguns trechos de contos ilustram melhor o que pretendemos apontar:

[...] colocou tudo que era possível sem esquecer os mínimos detalhes...batom, peruca e até colocou duas bolas de bom-brio debaixo do meu sutiensinho para parecer um seio de verdade.... e logo eu estava...uma mulherzinha completa.....Ela falou que hoje eu iria conhecer a melhor coisa da minha vida iria curtir momentos inesquecíveis que iria me marcar para o resto da minha vida.... e que jamais eu iria esquecer...Agora ela começou a se produzir...botou um sutiem de couro, botou uma meia arrastão, colocou sua calcinha com aquele lindo pênis...Agora vc é meu...digo, minha garotinha, vou fazer vc sofrer sem sentir dor..vou realizar a minha e a sua fantasia...

---

16 Disponível no link: [Link: http://submissoreal.blogspot.com.br/2009/11/castidade-forcada.html](http://submissoreal.blogspot.com.br/2009/11/castidade-forcada.html). Acesso em 14 de junho.

17 Disponível no link: <http://contosdeinversao.blogspot.com.br/>. Acesso em: 5 de agosto de 2013.

colocou uma musica super sensual, começou a dançar...e me pegou para dançar com ela...vem minha namoradinha vem..vem minha gostosinha....dançamos...ela começou a me alisar...Beijar-me...minha mulherzinha...minha putinha...vc quer ser minha pirainha sacana ou não....vamos aproveitar vc ta um arraso....vou te comer...mas, tão bem comido e vc vai aprender como se trata uma mulher de verdade...mais alguns minutos nós estávamos rolando na cama como um casal..só que invertido...

Paulo está na minha frente usando uma saia de látex bem apertada. Ele parece apetitoso, como sempre, mas hoje está com um balanço especial por causa das botas de salto... Esta noite ele será o centro das atenções como uma empregadinha bem obediente para três de minhas melhores amigas. Elas logo vão chegar e Paulo está preparando a casa para a ocasião, com a devoção de sempre...Já faz meses desde a última vez em que o deixei usar cuecas. Todos os dias eu o mando trabalhar usando minhas calcinhas ou a lingerie de seda que o mandei comprar naquela loja do shopping... Esta é apenas uma das pequenas coisas que faço com ele para que se torne uma perfeita escrava lésbica para mim...

Os dois trechos supracitados são fragmentos de contos do blog e, de certa maneira, servem bem para pensar no que pode fazer parte da montagem da performance da feminização: batom, peruca, *lingerie*, a insinuação de seios em um corpo masculino, a penetração no ânus do homem, a humilhação psicológica com “minha garotinha”, “minha namoradinha”, “minha putinha”, o artifício da sedução para envolvê-lo, e a promessa de que ele enfim saberá como é ser enrabado. No trecho seguinte, mais elementos se repetem na construção do personagem: saia de látex apertada, o corpo gingando como de uma mulher sensual, salto alto, e o uso de *lingerie*. Esses acessórios feminizam, humilham, limitam os movimentos do submisso, e é essa a intenção, de um adestramento dos movimentos, da fabricação de um corpo que evoca outro gênero, mas que não deixa de ser o que é: ele é um homem feminizado, sendo adestrado por uma mulher, e sente prazer e se realiza nisso.

Mas tudo isso não faz dele gay, ou bissexual, ou transgênero. A experiência pode até deixá-lo em confusão sobre sua sexualidade. O trecho a

seguir também ilustra um pouco do que inclusive um interlocutor<sup>18</sup> me disse sobre o fato de que o prazer de tudo isso é estar feminizado para uma mulher, o prazer provavelmente não existiria se fosse diante de outro homem.

De vez em quando eu até me surpreendo com a minha coragem de me abrir e expressar o que quero e o que gosto. Pena que na maioria das vezes é mal interpretado. Sou heterossexual, muitas vezes chego a pensar que poderia até ser bissexual, mas nunca tive este tipo de relacionamento com um homem e nem isto me atrai sem a presença de uma mulher.<sup>19</sup>

Mas depois de apontar isso tudo, o que afinal representa a feminização para quem a experimenta, além de uma inevitável desconstrução de gênero, ou porque não falar, em uma demarcação de gênero, no sentido de que coloca em lugares bem demarcados a mulher que domina e o homem que é “humilhado” com elementos femininos?

### **Desfazendo o gênero na feminização masculina a partir das “relações anais”**

O blog “Feminização no BDSM: uma experiência de vida proporcionada pela minha Dona”<sup>20</sup> é mais específico e, diferente dos outros blogs, seu dono é um homem submisso que pratica e fala exclusivamente sobre a experiência da feminização, elaborando seus discursos em primeira pessoa. O que me incomoda em relação a esse blog é que ele já está desatualizado e que não tem e-mail ou outra forma de entrar em contato com o autor do blog. Mas uma observação rápida, sem uma leitura das postagens, apenas dos títulos das

---

18 Em conversa informal com um dos interlocutores, com quem venho mantendo contato desde 2011, me disse que além de sentir prazer em mostrar-se feminino para uma mulher, falou sobre o fato de que, toda vez que compartilha no seu perfil de Facebook, mulheres semi nuas, a grande maioria de páginas fetichistas ou BDSM, ele se projeta naquelas mulheres, imaginando estar na posição da mulher, e não desejando-a propriamente. Não estou negando aqui o desejo dele pela mulher na imagem, mas me surpreendi com a fala.

19 Disponível no link: <http://contosdeinversao.blogspot.com.br/2009/11/historia-de-bgnporno.html>. Acesso em 01 de junho de 13.

20 Disponível no link: <http://feminizacaonobdsm.blogspot.com.br/>. Acesso em 13 de junho de 2013.

postagens, me fez pensar que havia elementos muito interessantes pra pensar o recorte empírico da pesquisa. O que veio a ser comprovado quando da leitura do conteúdo das postagens. Há fotos pessoais na página, no perfil e em algumas postagens<sup>21</sup>. Um ponto que acreditamos importante para pensar a feminização como uma humilhação mais psicológica do que física está no trecho que se segue:

[...] acho que a feminização tem tudo a ver com masoquismo, pelo menos no meu caso. Porém quando falo que tem tudo a ver, não se enganem em pensar que é por causa do salto alto não rs, Mas sim o fator psicológico. Quem acompanha o blog sabe que meu espírito já feminino, e dentro da relação de dominação/submissão o lado feminino trás alguns aspectos que não existem no mundo masculino. Explico. A humilhação é muito mais forte para nós meninas, por exemplo, chamando um homem de "Cachorro, vagabundo" isso aumenta o ego masculino, "sim, sou comedor". Agora nós meninas não levamos por este lado não, imaginem quando alguém a chama de "vagabunda, vadia", é algo extremamente ofensivo e vulgar e nós não gostamos disso. Imaginem agora ampliar o campo psicológico feminino, ser tratada como uma vagabunda, uma piranha, como um simples objeto sexual...<sup>22</sup>

Muito interessante para pensar o masoquismo relacionado à feminização e a relação com o fator do psicológico feminino. Volta a indagação: por que a feminização é uma humilhação? Por que estar feminino é humilhante? Estar feminino é, portanto, uma humilhação desejada nesse contexto, e além de desejada, ela potencia o prazer sexual. Além da humilhação psicológica, da vestimenta feminina que adorna um corpo masculino, outro fator de humilhação é a penetração anal. O feminizado, geralmente, e no caso ao qual nos detemos, é penetrado por sua Dona, com acessórios diversos: *plugs*, *dildos*, consolos de borracha, vibradores e afins. Tudo nesse contexto é imposto ao submisso e percebido por ele como um adestramento, um

---

21 Anotação de diário de campo do dia 13 de junho de 2013.

22 Trecho da postagem "Feminização é masoquismo?". Disponível no link: <http://feminizacaonobdsm.blogspot.com.br/2009/07/feminizacao-e-masoquismo.html>. acesso em: 13 de junho de 2013.

verdadeiro adestramento de seus movimentos, de seu corpo, de seus agenciamentos, inclusive aprender a “ter relações anais”.

Vou ser bem sincera, ainda não gosto de dar a bundinha. Mas juro que quero gostar rs. Apenas a pouco tempo, durante uma tarefa que minha Dona me passou, eu comecei a entender o funcionamento para ter prazer. Do começo rs. Nunca me senti confortável com nada na região anal, sempre senti uma sensação estranha, incomoda. As poucas vezes que tive prazer, foi perto do orgasmo e depois de muito tempo "sofrendo" até me acostumar. A sensação de "cocô eterno" sempre me incomodou muito. Hoje em dia, com muita calma, muita calma mesmo consigo ter prazer, porém tenho que começar bem devagarinho, algo em torno de 20 minutos (acho) para o consolo começar a entrar sem machucar. Muita gente não gosta por que tem nojo ou alguma desculpa esfarrapada. Eu quero, e quero muito conseguir ter relações anais, afinal, é o único lugar possível rs<sup>23</sup>.

Esse trecho nos remete a ideia de passividade na relação sexual. A humilhação ao corpo masculino aparece em forma de submissão de sua masculinidade a penetração anal, por outra pessoa, no caso, uma mulher. E esse estar à mercê do outro, esse outro sendo a dominadora, é o ponto alto da relação, da entrega de si. A mulher que domina é uma mulher que sente desejo por um homem que está vestido de mulher, ou que está em uma situação de entrega a ela, que se coloca aos seus cuidados e “adestramento” do modo de andar, da vestimenta, da fala, da utilização de maquiagem, da realização de atividades domésticas (levando em consideração que a esfera doméstica é hegemonicamente feminina), etc.

O lindo dentro da relação que tenho com minha Dona, é a possibilidade de ser um objeto, um objeto gostoso (no sentido de ficar do jeito que minha dona gosta) e que atíça os sentidos da Dona. Me vestir apenas por vestir desperta alguns sentidos eróticos, mas o êxtase está na confiança que uma tem da outra, possibilitando a libertação de sentimentos realmente femininos, ou seja, a sensação de uma mulher completa. Fui e estou sendo adestrada por minha

---

23 Trecho da postagem “Sentimentos anais”. Disponível no link: <http://feminizacaonobdsm.blogspot.com.br/2009/05/sentimentos-anais-rs.html>. acesso em 13 de junho de 2013.

Dona para ser a cadela que ela deseja, uma cadela sexy, ousada (eroticamente falando), gostosa e feminina. A feminilidade envolvida em nossa relação é o que desperta vários dos muitos sentimentos que há dentro da relação BDSM. O jeito sensual de andar, de mostrar as pernas cruzadas enquanto está sentada, quando é encoxada por trás e querendo retribuir a recompensa, quando sinto o cabelo sendo agarrado e sentir todos os sentimentos e podereres da minha Dona apenas pela proximidade de seu corpo com o meu<sup>24</sup>.

É enfatizado o discurso da prática da feminização como uma forma de liberação de si, uma forma de romper amarras. Não seria um vestir-se de mulher por vestir-se, mas uma forma de libertar-se de alguma coisa que oprime, de preconceitos, um atalho para experiências nunca vivenciadas, um “momento de liberdade constante e contínuo”<sup>25</sup>.

### **Considerações finais**

Acredito que fica muito complicado falar sobre o meu objeto de pesquisa nesse espaço porque, além de eu ter modificado meu projeto de seleção para o mestrado, no qual propus analisar os discursos de legitimação do BDSM nos blogs, identificando a forma como os sujeitos elaboram as postagens, os cenários dos blogs e como configuram-se nesse espaço (a identidade virtual). Modifiquei o foco do projeto em abril passado, e como não tive tempo de ir a campo e fazer uma pesquisa mais profunda, a impressão que passo com essa breve explanação sobre o objeto é em decorrência do pouco material lido sobre o tema. Embora eu tenha muitas leituras sobre BDSM, das redes sociais, blogs, sites e dos poucos trabalhos acadêmicos que o analisam sob diversos aspectos, não é o suficiente para explicar aqui.

É importante mencionar que tomamos as experiências elaboradas discursivamente pelos homens que praticam feminização como uma forma de pensar as categorias e problematizá-las como “pistas de reflexão” (WELZER-LANG, 2004, p. 110), operando numa desconstrução de noções de masculino

---

24 Disponível no link: <http://feminizacaonobdsm.blogspot.com.br/2009/01/sexo-x-sexualidade.html>. Acesso em: 14 de junho de 2013.

25 Disponível no link: <http://feminizacaonobdsm.blogspot.com.br/2009/03/bdsm-x-mundo-real.html>. Acesso em 14 de junho de 2013.



e feminino, a partir de análise de experiências que desconstróem o masculino para reconstruí-lo tomando de empréstimo elementos do feminino, borrando as noções, não apenas de gênero, mas de identidade, no sentido de algo que é delimitado e delimitável. Portanto, nesse sentido, a proposta não foi de estudar os homens que se feminizam ou as mulheres que os feminizam, mas pensar os corpos que podem ser reconstruídos em experiências e performances de práticas eróticas não-hegemônicas.

O que tentamos mostrar aqui é o fato de que a prática da feminização é um processo desejado pelo submisso, é prazeroso para ele essa posição na relação SM. A feminização seria uma prática da submissão mais do que o masoquismo, mas apresenta elementos dele, sendo bem mais psicológica do que física. Ambas as práticas estão intimamente imbricadas. É, acima de tudo, um processo de entendimento do próprio corpo, da sexualidade, mais uma construção mental do que física, e isso que vai diferenciá-la de outras experiências crossdresser e a trans, que são tanto físicas como psicológicas. É um processo que é de dentro para fora, e não de fora para dentro.

[...] A preparação física é simplesmente o ato de se montar (maquiagem, roupas e etc). Já a preparação psicológica é o que dá a diferença de peso. Minha preparação psicológica sempre começa durante o processo da preparação física, no qual, tento me concentrar ao máximo para me liberar inteira como a cadela de minha Dona. Esquecer os problemas pessoais, esquecer compromissos, esquecer tudo que há relação ao meu irmãozinho de corpo. [...] Sendo assim, o peso da dominação psicológica irá aumentar também, assim como minhas responsabilidades como cadela. Porém este peso "a mais" em nossa relação é algo muito almejado por mim e minha Dona. Esta dominação psicológica é algo que muito me agrada, muito, mas muito mais que meu lado masoquista e sei que é algo que agrada e muito minha Dona<sup>26</sup>.

Realizei um esforço de desenvolver ao máximo essas poucas e talvez, simplórias e equivocadas, reflexões de meu diário de campo, numa atitude de ousadia em trazer para discussão o embrião de uma pesquisa de dissertação

---

26 Disponível no link: <http://feminizacaonobdsm.blogspot.com.br/2009/03/efeito-da-feminizacao-na-dominacao.html>. Acesso em: 15 de junho de 2013.

que não tem contornos precisos. Gostaria de agradecer ao meu orientador por ter me conduzido a pensar a possibilidade desse novo viés da pesquisa, aos colegas que contribuíram muitíssimo para as reflexões, que participaram do GT sobre “Culturas corporais, sexualidades e reconhecimento: novas moralidades em debate”, o Fórum “Construção de saberes e produção de conhecimento em sexualidade: convenções, mudanças e perspectivas na produção antropológica brasileira”, o GT “Direitos humanos, sexualidade e cultura”, da IV REA/ABANNE, evento que participei e que aconteceu em Fortaleza de 4 a 7 de agosto de 2013, no momento em que estava terminando esse artigo, à Universidade Federal do Ceará e ao CNPQ pelo financiamento da pesquisa, e por último, mas não menos importante, agradecer aos coordenadores do GT “Corpo(s), gênero(s) e multiplicidade(s): modos de subjetivação, processos políticos e outras/novas moralidades”, pela oportunidade de estar aqui dialogando com outras pesquisas. Muito obrigada!

### **Referências Bibliográficas**

BECKER, Howard S. *Mundos da arte*. Lisboa: Livros Horizonte LDA, 2010.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LEITE JR., Jorge. *A CULTURA S&M*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – PUC, São Paulo, 2000.

SILVA, M.J. *Linguagens, experiências e convenções de gênero e sexualidade no BDSM*. Monografia. (Graduação em Ciências Sociais), UFC, Fortaleza, 2012, 107p.

ZILLI, Bruno. BDSM de A a Z: a despatologização através do consenso nos “manuais” na Internet. In: *Prazeres Dissidentes*. Organização María Elvira Díaz-Benítez e Carlos Eduardo Fígari - Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 481- 508.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: *Masculinidades*. Organização Mônica Raisa

Schpun. – São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004,  
p. 107-128.